

## Índice

O Gato das Botas	9
O Barba Azul	23
As Fadas	37
Riquete do Chinó	45



## O GATO DAS BOTAS

Um moleiro deixou como única herança aos três filhos que tinha um moinho, um burro e um gato. As partilhas foram feitas de imediato e nem o notário nem o procurador, que teriam comido logo todo o pobre património, foram chamados para o caso. O mais velho ficou com o moinho, o segundo recebeu o burro e ao mais novo só lhe calhou o gato.

Este último não conseguia conformar-se de ter ficado com um quinhão tão miserável.

— Os meus irmãos — dizia — poderão ganhar a vida honestamente se se associarem; quanto a mim, depois de comer o gato e de fazer um regalo com a pele dele, terei de morrer de fome.

O Gato, que estava a ouvir aquelas palavras, fingiu não as perceber, e disse-lhe com um ar ponderado e sério:

— Não se aflija, meu amo; só tem de me dar um saco e de me mandar fazer um par de botas para eu andar no mato, e verá que não ficou assim tão mal nas partilhas como está a pensar.

Embora o dono do Gato não confiasse lá muito no que ouvia, como já tinha visto o bichano valer-se de tantas habilidades para caçar ratazanas e ratos, ficando pendurado pelas patas ou escondido dentro da farinha a fazer-se de morto, tinha, no entanto, alguma esperança de o animal ainda o vir a socorrer na sua miséria.

Assim que teve o que pedira, o Gato calçou as botas com ar decidido e, pondo o saco ao ombro, segurou os cordões com as duas patas da frente e dirigiu-se para uma coutada onde havia muitos coelhos. Pôs algumas sêmeas e serralhas no saco e, estendendo-se como se estivesse morto, esperou que algum coelhinho, ainda pouco conhecedor das manhas deste mundo, entrasse no saco para comer o que ele lá tinha posto.

Mal se tinha deitado, teve logo uma alegria: um coelhinho distraído entrou no saco e o Mestre Gato, puxando imediatamente os cordões, apanhou-o e matou-o sem dó nem piedade.

Muito orgulhoso com a sua presa, foi ao palácio do Rei e pediu para lhe falar. Mandaram-no subir aos aposentos de Sua Majestade e, assim que entrou, o Gato fez uma grande vénia ao Rei e disse-lhe:



— Aqui tem, Alteza, um coelho-bravo, que o senhor Marquês de Carabás — foi o nome que lhe pareceu bem dar ao dono — me incumbiu de vos oferecer.

— Diz ao teu dono — respondeu o Rei — que lhe agradeço e que tenho muito prazer em aceitá-lo.

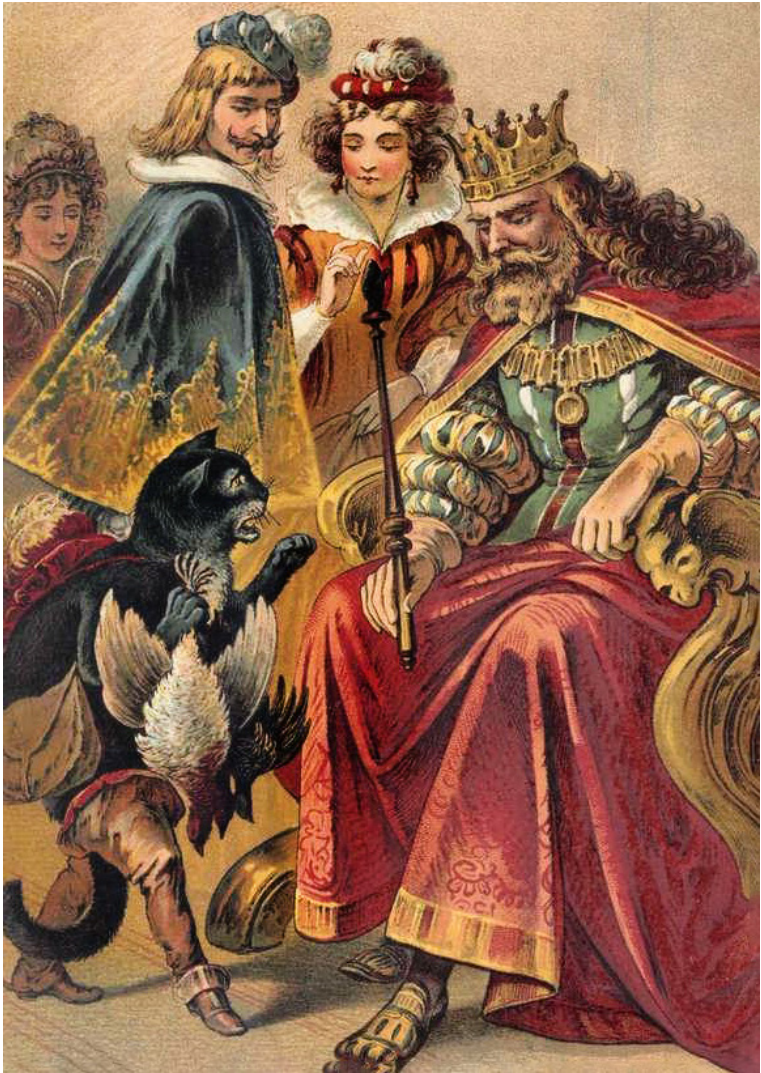
De outra vez foi esconder-se num trigal, sempre com o saco aberto, e, assim que duas perdizes lá entraram, puxou os cordões e apanhou-as. Em seguida foi oferecê-las ao Rei, tal como fizera com o coelho-bravo. O Rei aceitou com prazer as duas perdizes e mandou que lhe dessem uma gorjeta.

O Gato continuou a proceder assim durante dois ou três meses, levando de vez em quando ao Rei peças de caça em nome do dono. Um dia, soube que o Rei ia dar um passeio pelas margens do rio, acompanhado da filha, a mais bela princesa do mundo, e disse ao amo:

— Se quiser seguir o meu conselho, tem a fortuna assegurada, meu amo: só tem de ir tomar banho no rio, no sítio que eu lhe irei indicar, e depois deixar o resto por minha conta.

O Marquês de Carabás fez o que o Gato lhe aconselhava, sem perceber o que poderia ganhar com isso. Enquanto estava a tomar banho, passou o Rei e o Gato começou a gritar com toda a força:

— Socorro, socorro! O senhor Marquês de Carabás está a afogar-se!



Ao ouvir estes gritos, o Rei olhou pela portinhola e, ao reconhecer o Gato que tantas vezes lhe levava peças de caça, ordenou aos guardas que fossem imediatamente socorrer o senhor Marquês de Carabás.

Enquanto retiravam do rio o pobre Marquês, o Gato aproximou-se da carruagem e disse ao Rei que, enquanto o amo estava a tomar banho, tinham vindo uns ladrões que lhe levaram as roupas e que, embora ele tivesse gritado com toda a força “Acudam que é ladrão!”, houve um manhoso que escondeu o fato debaixo de uma enorme pedra.

O Rei ordenou logo aos encarregados do seu guarda-roupa que fossem buscar um dos fatos mais bonitos para o senhor Marquês de Carabás. O Rei fez-lhe mil demonstrações de gentileza e, como os belos trajes que o jovem acabava de receber lhe realçavam o aspeto (pois era bonito e tinha uma boa figura), a filha do Rei simpatizou bastante com ele. E o Marquês de Carabás não precisou de lhe lançar mais do que dois ou três olhares muito afáveis e um pouco ternos para que ela ficasse loucamente apaixonada.

O Rei quis que o Marquês entrasse na carruagem e que os acompanhasse naquele passeio. O Gato, encantado por ver que o seu plano começava a concretizar-se, tomou a dianteira e, ao encontrar uns camponeses que estavam a segar um prado, disse-lhes:

— Bons homens que estão aqui a segar, se não disserem ao Rei que este prado pertence ao senhor Marquês